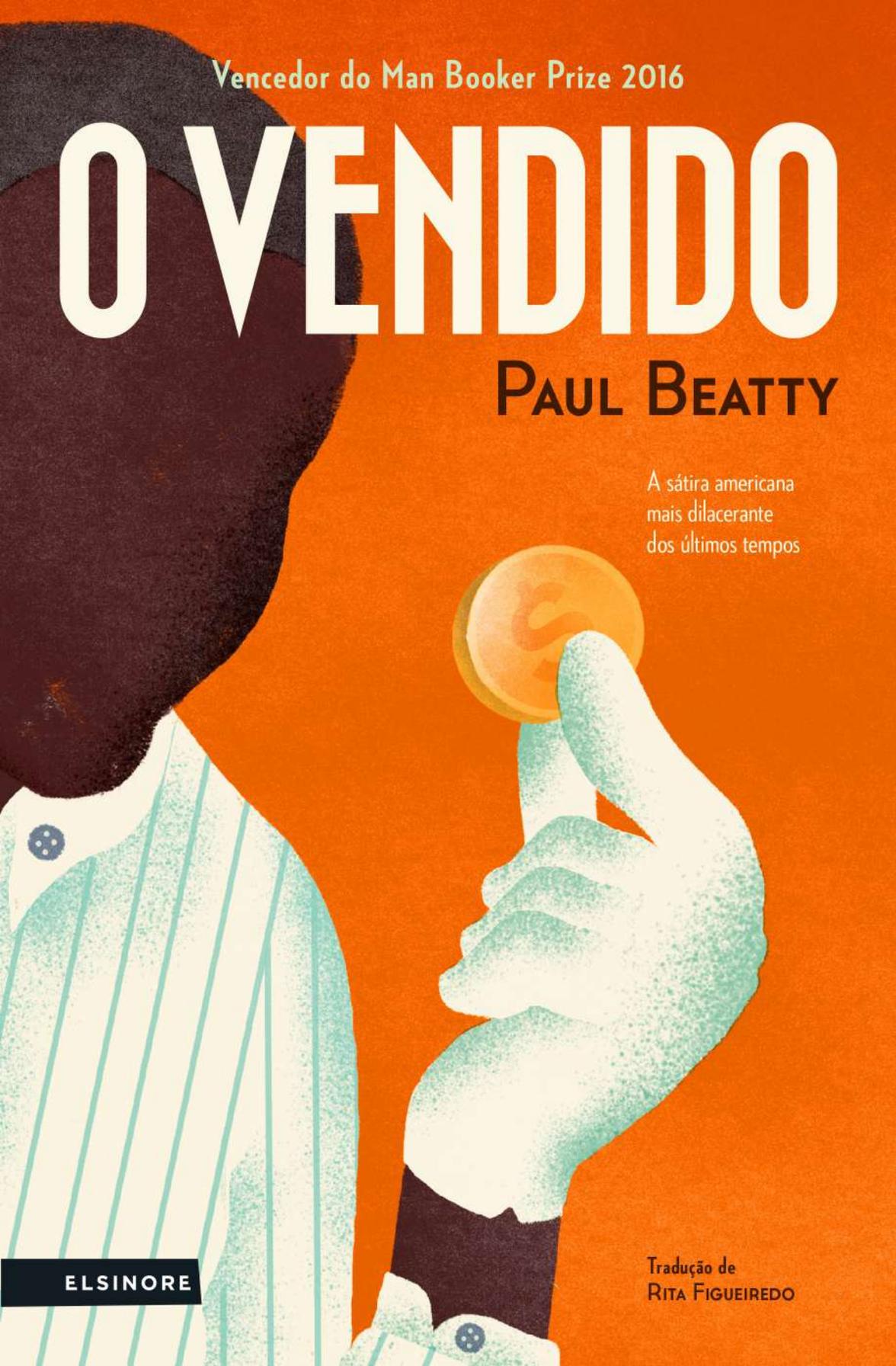


Vencedor do Man Booker Prize 2016

O VENDIDO

PAUL BEATTY

A sátira americana
mais dilacerante
dos últimos tempos

The cover features a stylized illustration of a man's head and hand. The man has dark skin and a beard, and is wearing a light-colored shirt with thin vertical stripes. His hand is shown in a light green color, holding a gold coin with a dollar sign on it. The background is a solid orange color.

ELSINORE

Tradução de
RITA FIGUEIREDO

Para Althea Amrik Wasow

PRÓLOGO

Pode ser difícil de acreditar, vindo de um homem negro, mas nunca roubei nada. Nunca fugi aos impostos nem fiz batota a jogar cartas. Nunca entrei à socapa no cinema nem deixei de devolver o troco em excesso aos empregados de caixa, indiferentes aos procedimentos do mercantilismo e às expetativas do ordenado mínimo. Nunca assaltei uma casa. Nunca roubei uma loja de bebidas. Nunca entrei num autocarro ou metro apinhado, me sentei num lugar reservado para os idosos, peguei no meu pénis gigante e me masturbei alegremente com uma expressão pervertida, mas, ainda assim, desanimada. No entanto, aqui estou, nas cavernosas salas do Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América, com o carro estacionado ilegalmente, um tanto ironicamente, na Constitution Avenue, com as mãos algemadas e cruzadas atrás das costas, tendo há muito acenado adeus ao meu direito de permanecer em silêncio, enquanto me sento numa cadeira almofadada que, muito à semelhança deste país, não é tão confortável como parece.

Aqui chamado por um envelope de aspeto oficioso com a palavra **IMPORTANTE** impressa em enormes letras vermelhas, como se anunciasse um prémio, não parei de me debater desde que cheguei a esta cidade.

Exmo. Senhor, dizia a carta.

Parabéns, talvez seja o premiado! O seu caso foi selecionado de entre centenas de casos de apelação para ser ouvido pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América. Que honra gloriosa! Recomendamos vivamente que chegue com, pelo menos, duas horas de antecedência para

PAUL BEATTY

a audiência marcada para as dez da manhã de 19 de março do ano de Nosso Senhor... A carta terminava com as direções do aeroporto, da estação de comboios e da I-95 para o edifício do Supremo Tribunal, e com um conjunto de cupões destacáveis para várias atrações turísticas, restaurantes, *bed-and-breakfasts* e coisas que tais. Não estava assinada. Terminava simplesmente com...

*Com os melhores cumprimentos,
O Ministério Público dos Estados Unidos da América*

Washington, D.C., com as suas ruas largas, rotundas confusas e estátuas de mármore, colunas dóricas e cúpulas, pretende assemelhar-se à Roma Antiga (se as ruas da Roma Antiga estivessem ladeadas por negros sem-abrigo, cães da brigada antibombas, autocarros turísticos e flores de cerejeira). Ontem à tarde, como um etíope de sandálias vindo de uma zona remota das mais sombrias selvas de Los Angeles, aventurei-me a sair do hotel e a juntar-me à *hajj* de campónios de calças de ganga que desfilavam lenta e patrioticamente pelos marcos históricos do império. Observei reverentemente o Lincoln Memorial. O que diria o Honesto Abe se ganhasse vida e, de alguma forma, conseguisse erguer do trono o seu corpo ossudo de 7,10 metros? O que faria? *Breakdance*? Atiraria moedas para a beira da estrada? Leria o jornal e veria que a União que salvou era agora uma plutocracia disfuncional, que as pessoas que libertou eram agora escravas do ritmo, do *rap* e dos empréstimos predatórios, e que, hoje em dia, as suas competências seriam mais adequadas para o campo de basquetebol do que para a Casa Branca? Aí poderia apanhar toda a gente desprevenida, lançar para três pontos barbudos, manter a pose e mandar bocas enquanto a bola entrava no cesto. Não consegues parar o *Grande Emancipador* — com sorte, consegues abrandá-lo.

Como seria de esperar, não há nada para fazer no Pentágono senão começar uma guerra. Os turistas nem sequer podem tirar fotografias com o edifício em pano de fundo, pelo que, quando a família de quatro gerações de veteranos da Marinha, vestidos a rigor, me entregou

uma máquina fotográfica descartável e me pediu para os seguir de longe e, discretamente, lhes tirar fotografias enquanto se punham em sentido, faziam a saudação e exibiam símbolos da paz sem motivo aparente, fiquei feliz por poder servir o meu país. No National Mall havia uma Marcha sobre Washington de um só homem. Um solitário rapaz branco estava deitado na relva a dar cabo da percepção das distâncias de tal maneira que o Monumento de Washington parecia um um pontiagudo falo caucasiano a sair-lhe das calças desapertadas, gigante e ereto. Brincava com os transeuntes, sorrindo para os telemóveis e acariciando o seu priapismo fotográfico.

No jardim zoológico, pus-me em frente à jaula dos primatas a ouvir uma mulher maravilhar-se com o ar «presidencial» do gorila de 180 quilos, montado num ramo de carvalho cortado, atento à sua prole enjaulada. Quando o namorado da mulher, batendo com o dedo na placa informativa, fez notar que o nome do gorila «presidencial» era, curiosamente, Baraka, a mulher riu-se em voz alta, até que me viu, o outro gorila de 180 quilos na sala, a enfiar na boca algo que podia ser um chupa-chupa ou uma banana. Depois ficou desconsolada, chorou e pediu desculpa por ter dito o que pensava e por eu ter nascido. «Alguns dos meus melhores amigos são macacos», disse ela acidentalmente. Foi a minha vez de rir. Compreendi o que ela queria dizer. Toda esta cidade é um lapso freudiano, um tesão de betão em honra dos feitos e delitos da América. Escravatura? Destino Manifesto¹? *Laverne & Shirley*? Ficar impassível enquanto a Alemanha tentava matar todos os judeus da Europa? Ora, alguns dos meus melhores amigos são o Museu de Arte Africana, o Museu do Holocausto, o Museu do Índio Americano, o Museu Nacional das Mulheres na Arte. E digo-lhe mais, a filha da minha irmã é casada com um orangotango.

Basta um dia de passeio por Georgetown e Chinatown. Uma caminhada lenta em frente à Casa Branca, à Phoenix House, à Blair

¹ Refere-se a uma crença comum nos Estados Unidos, no século XIX, segundo a qual os colonizadores americanos se deveriam expandir pela América do Norte, dado que este povo teria sido eleito por Deus para civilizar o continente. [N. da R.]

House e à sala de chuto local para a mensagem se tornar abundantemente clara. Seja na Roma Antiga ou na América moderna: ou somos cidadãos ou escravos. Leões ou judeus. Culpados ou inocentes. Ou estamos confortáveis ou desconfortáveis. E aqui, no Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América, entre as algemas e o escorregadio estofo de couro desta cadeira, a única forma que tenho de evitar aterrar ignominiosamente com a merda do rabo no chão é inclinar-me para trás até a um ângulo que não chega bem a ser displicência na sala de castigo, mas que ultrapassa em muito o limite do desrespeito ao Tribunal.

Com as chaves a tilintar como sinos de trenó, os oficiais do Tribunal marcham para dentro da sala como uma parilha de *Clydesdales* sem carroça, unidos pelo amor a Deus e à nação. O cavalo da frente, uma boazona enfeitada com uma faixa de citações a colorir-lhe o peito, dá uma palmadinha nas costas da minha cadeira. Quer que me endireite, mas, lendário na prática da desobediência civil como sou, inclino-me ainda mais para trás num gesto de desafio, apenas para me estatelar no chão num doloroso espalhanço de resistência pacífica desajeitada. Ela balança a chave das algemas em frente ao meu rosto e, com um forte braço sem pelos, endireita-me, aproximando de tal forma a minha cadeira da mesa que consigo ver o reflexo do meu fato e gravata no brilhante mogno envernizado com aroma a limão. Nunca tinha usado um fato e o homem que me vendeu este disse: «Vai gostar de como lhe fica. Garanto-lhe.» Mas o rosto que me olha da mesa parece-se com o de todos os homens negros vestidos com um fato de negócios e de tranças, rastas ou carecas, cujo nome não sabemos e cujo rosto não reconhecemos: parece um criminoso.

«Quando uma pessoa tem boa aparência, sente-se bem», prometeu-me ainda o vendedor. Garantiu-mo. Por isso, quando chegar a casa vou pedir a devolução dos meus 129 dólares, porque não gosto da minha aparência. De como me sinto. Sinto-me como o meu fato: reles, áspero e a rebentar pelas costuras.

Na maior parte das vezes, os polícias esperam agradecimentos. Independentemente de terem acabado de nos indicar o caminho para

os correios, dar uma coça no banco de trás de um carro-patrolha ou, no meu caso, de nos tirar as algemas, devolver a erva, a parafernália e nos darem a tradicional pena do Supremo Tribunal. Mas esta tinha uma expressão de compaixão, desde esta manhã, quando ela e o seu grupo vieram ao meu encontro no topo do ostentoso quadragésimo quarto degrau do Supremo Tribunal. Sob um frontão com as palavras JUSTIÇA IGUAL PERANTE A LEI inscritas, tinham-se posicionado lado a lado, semicerrando os olhos contra o sol matinal, como cortaventos salpicados pela caspa das flores de cerejeira acabadas de cair, a bloquear-me a entrada no edifício. Todos sabíamos que era uma farsa, uma ostentação de última hora do poder do Estado. O único que não estava a perceber a piada era o *cocker spaniel*. Com a trela extensível a zumbir atrás de si, correu na minha direção, farejou com entusiasmo os meus sapatos e as pernas das minhas calças, deu-me uma narigada na virilha com o focinho coberto de ranho seco e sentou-se obedientemente ao meu lado, com a cauda a bater no chão orgulhosamente. Fui acusado de um crime tão odioso que prenderem-me por posse de marijuana numa propriedade federal seria o mesmo que acusar Hitler de vadiagem e uma petrolífera como a British Petroleum de fazer lixo, depois de 50 anos de refinarias a explodirem, derrames e emissões tóxicas, e uma campanha publicitária vergonhosamente enganadora. Assim, limpo o meu cachimbo com duas pancadas ruidosas na mesa de mogno. Sacudo e sopro a resina pegajosa para o chão, encho-o com erva criada em casa, e, como um comandante de um pelotão de fuzilamento a acender o último cigarro de um desertor, a mulher-polícia acende amavelmente o seu *BIC* e dá-me lume. Recuso a venda e dou a passa mais gloriosa alguma vez dada na história da erva. Liguem a todos os que apelaram à Quinta Emenda, vítimas de discriminação racial, de recusa de direito ao aborto, que queimaram bandeiras, e digam-lhes que estou a apanhar uma moça no mais alto Tribunal da nação. Os oficiais fitam-me com espanto. Sou o macaco de Scopes, o elo que faltava na evolução da jurisprudência afro-americana acabado de ganhar vida. Consigo ouvir o *cocker spaniel* a ganir no corredor, a arranhar a porta, enquanto

sopro uma pluma de fumo do tamanho de uma nuvem-cogumelo da bomba atómica para os rostos que adornam os frisos gigantes no teto. Hamurabi, Moisés, Salomão — estes encantamentos da democracia e do *fair-play* em mármore espanhol —, Maomé, Napoleão, Carlos Magno e um grego universitário de toga, cheio de músculos, estão por cima de mim, a lançar-me os seus olhares pétreos carregados de censura. Pergunto-me se também olharam para os Scottsboro Boys² e para Al Gore, Jr. com o mesmo desdém.

Só Confúcio parece estar na boa. O quimono de cetim chinês, desportivo e com mangas largas, sapatos de kung fu, barba e bigode de *sifu* de Shaolin. Levanto o cachimbo bem acima de mim para lhe oferecer um bafo; o caminho mais longo começa com uma única passa...

— Essa treta do «caminho mais longo» é do Lao-Tsé — diz ele.

— Os filósofos-poetas como tu soam-me todos à mesma merda — respondo.

É uma loucura ser o mais recente de uma longa lista de casos notáveis relacionados com raça. Suponho que os estudiosos constitucionais e os paleontologistas culturais discutirão o meu lugar na cronologia histórica. Farão a datação por carbono do meu cachimbo e determinarão se sou um descendente direto de Dred Scott, aquele enigma negro que, enquanto escravo a viver num estado livre, foi homem suficiente para a mulher e os filhos, homem suficiente para processar o dono pela sua liberdade, mas não homem suficiente para a Constituição, porque, aos olhos do Tribunal, não passava de propriedade: um bípede negro «sem direitos que o homem branco tinha o dever de respeitar». Estudarão atentamente os documentos legais e folhearão os pergaminhos anteriores à Guerra Civil para tentar determinar se o resultado deste caso confirma ou derruba o caso «Plessy vs Ferguson». Vão vasculhar as plantações, os bairros

² Nome por que é conhecido o grupo de nove rapazes negros que, no Alabama, em 1931, foram falsamente acusados por um grupo de jovens brancos de terem violado duas mulheres brancas. O caso foi julgado várias vezes, em diferentes instâncias, e todos os elementos do grupo, à exceção do mais novo, foram condenados. Foi-lhes concedido um perdão póstumo em 2013. [N. da R.]

sociais e os palácios de ação afirmativa da subdivisão suburbana Tudor, escavando jardins à procura de vestígios dos fantasmas da discriminação passada nos dados fossilizados e nos ossos usados como dominós, limparão o pó dos direitos petrificados e de escritos enterrados em volumes jurídicos encadernados, e vão declarar-me um «precedente imprevisto da geração do *hip-hop*», ao estilo de Luther «Luke Skyywalker» Campbell, o *rapper* com uma falha nos dentes que lutou pelo seu direito à farra e a parodiar o homem branco como ele fez connosco durante anos. No entanto, se eu estivesse do outro lado do banco, teria arrancado a caneta de tinta permanente da mão do Juiz Presidente Rehnquist e teria escrito a opinião discordante solitária, afirmando categoricamente que «qualquer *rapper* ridículo cuja música de assinatura se chama *Me So Horny* não tem direitos que o homem branco ou qualquer outro fã de *hip-hop* que seja digno do seus *Puma* de camurça tenha o dever de respeitar».

O fumo queima o interior da minha garganta. «Justiça Igual perante a Lei!», grito para ninguém em particular, o que denota simultaneamente a potência da erva e a minha constituição frágil. Em bairros como aquele em que cresci, lugares que são pobres na prática, mas ricos em retórica, os manos têm um ditado: prefiro ser julgado por 12 a ser carregado por seis. É uma máxima e uma letra frequentemente repetida no *rap*, um algoritmo de último recurso do problema do entre a espada e a parede, à superfície, fala de confiança no sistema, mas que, na realidade, significa disparar primeiro, depositar a confiança no defensor público e sentir-se grato por manter a saúde. Não percebo muito da vida nas ruas, mas, tanto quanto sei, não existe um corolário para o Tribunal de Apelação. Nunca ouvi um matulão de tasca beber um gole de cerveja e dizer «prefiro ser averiguado por nove a ser arbitrado por um». Muitas pessoas lutaram e morreram a tentar obter essa «Justiça Igual perante a Lei» tão alegremente anunciada no exterior deste edifício, mas, inocentes ou culpados, a maioria dos arguidos nunca chega aqui. As suas apelações ao Tribunal raramente vão além da prece de uma mãe chorosa pela misericórdia do seu Bom Senhor ou de uma segunda hipoteca sobre a casa da avó.

E, se eu acreditasse em tais *slogans*, teria de dizer que tive mais do que a minha quota parte de justiça, mas não acredito. Quando as pessoas sentem a necessidade de adornar um edifício ou um complexo com frases como *Arbeit Macht Frei*, «A Maior Pequena Cidade do Mundo» ou «O Lugar mais Feliz do Mundo», é um sinal de insegurança, uma desculpa forçada para consumirem o nosso tempo e espaço finitos. Alguma vez foram a Reno, no Nevada? É a Cidade Pequena mais Merdosa do Mundo, e, se a Disneylândia fosse realmente o Lugar mais Feliz do Mundo, tê-la-iam mantido em segredo ou a entrada seria gratuita e não o equivalente ao rendimento anual *per capita* de um pequeno país da África Subsariana, como Detroit.

Nem sempre senti isto. Quando era jovem, costumava pensar que todos os problemas da América negra podiam ser resolvidos se tivéssemos um lema. Um enérgico *Liberté, égalité, fraternité* que pudéssemos afixar sobre portões de ferro rangentes, bordar em quadros para pendurar nas paredes da cozinha e em bandeiras cerimoniais. Este, tal como o melhor folclore e penteados afro-americanos, teria de ser simples, mas profundo. Nobre e, ao mesmo tempo, de alguma forma, igualitário. Uma marca para toda uma raça que era isenta de raça à superfície, mas que era discretamente percebida pelos entendidos como muito, muito negra. Não sei onde é que os rapazes mais novos vão buscar estas ideias, mas, quando todos os nossos amigos se referem aos pais pelo primeiro nome, há a sensação de que algo não está bem. E não seria tão bom, nestes tempos de ataques de nervos e crises constantes, as famílias negras destruídas reunirem-se em volta da lareira, olharem para o lintel e sentirem-se reconfortadas por palavras animadoras inscritas num conjunto de pratos comemorativos pintados à mão ou em moedas de edição limitada compradas via televendas com um cartão de crédito com o limite já atingido?

Outras etnias têm lemas. *Não conquistados e inconquistáveis* é o lema da nação Chickasaw, embora não se aplique às mesas de jogo dos casinos nem a terem lutado ao lado da Confederação na Guerra Civil. *Allahu Akbar. Shikata ga nai. Nunca mais. Harvard class of '96. Proteger e servir.* São mais do que cumprimentos e frases feitas triviais.

São códigos revigoradores. Um *chi* linguístico que fortalece a nossa força vital e nos une a outros seres humanos com as mesmas ideias, a mesma cor, os mesmos sapatos. Como é que dizem no Mediterrâneo? *Stecca faccia, stessa razza*. O mesmo rosto, a mesma raça. Todas as raças têm um lema. Não acreditam em mim? Estão a ver aquele tipo de cabelo escuro dos Recursos Humanos? Aquele que se comporta como um branco, fala como um branco, mas que não parece exatamente branco? Vão falar com ele. Perguntem-lhe porque é que os guarda-redes mexicanos jogam de forma tão descuidada ou se a comida da rulote de tacos estacionada em frente ao edifício é realmente boa. Vá. Perguntem-lhe. Sondem-no. Esfreguem a nuca do seu crânio *indio* e vejam se não se vira com o *pronunciamento ¡Por La Raza—todo! ¡Fuera de La Raza—nada!* (Pela raça, tudo! Fora da raça, nada!)

Quando tinha dez anos, passei uma longa noite debaixo do cobertor, enroscado com o *Divertido* que, recheado com um sentido de linguagem espumoso e um dogmatismo bloomiano, era o mais literário de todos os Ursinhos Carinhosos e o meu crítico mais severo. Na escuridão húmida daquela *bat cave* de celulose, os seus rechonchudos amarelos, tudo menos imóveis, imóveis debatiam-se para manter a lanterna estável enquanto, juntos, tentávamos salvar a raça negra com oito palavras ou menos. Pondo em prática o meu latim aprendido em casa, criava um lema e enfiava-o debaixo do seu focinho de plástico em forma de coração, para ser aprovado. A minha primeira tentativa, «América Negra: *Veni, vidi, vici — Frango Frito!*», fez o *Divertido* puxar as orelhas para trás e fechar os olhos plásticos, desiludido. «*Semper Fi, Semper Funky*» arrepiou-lhe os pelos de poliéster e, quando ele, furioso, começou a raspar no colchão e se levantou nas pernas curtas e gorduchas, exibindo as suas presas e garras ursinas, tentei lembrar-me do que o manual dos escoteiros dizia que devíamos fazer quando nos defrontávamos com um urso de peluche dos desenhos animados, zangado e embriagado com vinho roubado e poder editorial. «Se te deparares com um urso zangado, mantém a calma. Fala com um tom suave, mantém-te firme, tenta parecer maior e escreve com frases simples e animadoras em latim.»

Unum corpus, una mens, una cor, unum amor.

Um corpo, uma mente, um coração, um amor.

Nada mal. Tinha um ritmo agradável que o assemelhava aos lemas que se inscrevem nas matrículas dos carros. Conseguia imaginá-lo em escrita cursiva, a circum-navegar o bordo de uma medalha de honra da guerra racial. O *Divertido* não o detestou, mas, pela forma como franziu o nariz imediatamente antes de adormecer, percebi naquela noite que o meu lema implicava um certo pensamento de grupo, e não era verdade que as pessoas negras estavam sempre a queixar-se de serem rotuladas como monolíticas? Não lhe estraguei os sonhos dizendo-lhe que os negros pensam mesmo todos da mesma forma. Não o admitem, mas todos os negros acham que são melhores do que todos os outros negros. Como nunca recebi resposta da NAACP³ nem da Urban League⁴, o lema negro existe apenas na minha cabeça, aguardando pacientemente por um movimento, uma nação e, suponho, tendo em conta que hoje em dia o *branding* é tudo, um logótipo.

Talvez não precisemos de um lema. Quantas vezes já ouvi alguém dizer: «Mano, tu conheces-me, o meu lema é...»? Se eu fosse inteligente, punha em prática o meu latim. Cobrava dez dólares por palavra. Quinze, se a pessoa não fosse do bairro ou se quisesse tradução. «Não detestes o jogador, detesta o jogo.» Se é verdade que o corpo é o nosso templo, eu podia ganhar bom dinheiro. Podia abrir uma lojinha na avenida e ter uma longa fila de clientes tatuados que se tivessem transformado em templos de oração: *ankhs*, *sankofas* e crucifixos a lutar por espaço abdominal com deuses do Sol astecas e galáxias de uma só estrela de David. Caracteres chineses a correr ao longo de pernas depiladas e colunas. Saudações sinológicas a entes queridos falecidos que eles pensavam dizerem «Descansa em paz, avó Beverly», mas

³ Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor. Associação norte-americana, fundada em 1909. Defende a igualdade de direitos civis, independentemente da raça. [N. da R.]

⁴ Fundada em 1910, a National Urban League luta pelo acesso dos afro-americanos aos vários direitos civis. [N. da R.]

que, na verdade, diziam «Não Há Dinheiro, não Há Acordo Comercial Bilateral!» Meu, ia ser uma mina de ouro. Chegariam a todas as horas da noite, a triparem-se todos. Eu podia ficar sentado atrás de uma placa espessa de acrílico e ter uma daquelas caixas metálicas deslizantes que os empregados das bombas de gasolina usam. Deslizaria a gaveta para fora, e, como presos a passar as suas mensagens, a minha clientela entregar-me-ia sub-repticiamente as suas afirmações. Quanto mais empedernido o homem, mais cuidadosa a escrita. Quanto mais dócil a mulher, mais pugnaz a frase. «Tu conheces-me», diriam, «o meu lema é...», e depois deitariam na gaveta o dinheiro e as citações de Shakespeare e do *Scarface*, passagens bíblicas, aforismos juvenis e truísmos briguentos escritos em todos os materiais, de sangue a *eyeliner*. E, independentemente de estar escrito num guardanapo amachucado, num prato de papel manchado com molho *barbecue* e salada de batata ou de ser uma página cuidadosamente arrancada de um diário secreto, mantido desde uma agitação no reformatório que, se contasse a alguém, era eu que me lixava, *Ya estuvo* (o que quer que isso signifique), eu levaria o meu trabalho a sério. Pois estas são as pessoas para quem a expressão «Bem, se me apontarem uma arma à cabeça...» não é uma hipótese teórica e, quando alguém encostou um cano de metal ao *yin* e *yang* tatuado na nossa têmpora e vivemos para contar a história, não precisamos de ler o *I Ching* para apreciar o equilíbrio cósmico do universo e o poder da tatuagem ao fundo das costas. Afinal, que outra coisa podia ser o lema dessa pessoa se não *Quem semeia ventos colhe tempestades... Ventum seminabunt et turbina metent?*

Quando o negócio está fraco, vêm para me mostrar o meu trabalho. As letras em inglês arcaico a brilhar sob a luz dos candeeiros de rua, a sua ortografia analisada nas musculaturas suadas sob blusas de alças ou sem elas. O dinheiro não tem cheiro... *Pecunia non olet*. Orações no dativo e no acusativo a brilharem-lhes nas jugulares, há algo de especial em ter a língua da ciência e do romance a surfar nas ondas da gordura de uma bacana. Só quero pau... *Austerus verpa*. A declinação nominal fraca que apareceria escrita nas suas testas seria o mais próximo que algum deles chegaria de ser branco, de dizer coisas em branco.

Ou Crip ou ninguém... *Aut Crip aut nullus*. É essencialismo não-essencial. À vida, à morte... *Ad vitam ad mors*. É a satisfação de olhar para o nosso lema no espelho e pensar: Qualquer mano que não seja paranoico é louco... *Ullus niger vir quisnam est non insanus ist rabidus* é algo que Júlio César teria dito se fosse negro. Comporta-te de acordo com a idade que tens, não de acordo com o tamanho que calças... *Factio vestri aevum, non vestri calceus amplitudo*. E, se uma América cada vez mais pluralista decidir encomendar um novo lema, estou disponível, porque tenho um melhor do que *E pluribus unum*.

Tu dormis, tu perdis... Se dormes, perdes.

Alguém me tira o cachimbo da mão.

— Anda lá, meu, essa merda já está morta. Vamos a isto, sócio.
— Hampton Fiske, o meu advogado e velho amigo, afasta cuidadosamente o que resta do fumo da erva e depois envolve-me numa nuvem antifúngica de ambientador em *spray*. Como estou demasiado mocado para falar, cumprimentamo-nos com acenos de cabeça de queixo levantado, como quem diz «Como é que é?», e partilhamos um sorriso conhecedor, porque ambos reconhecemos o cheiro. *Brisa Tropical* — a mesma merda que usávamos para esconder as provas dos nossos pais, porque cheirava a pó de anjo. Se a mãe chegasse a casa, tirasse as alpercatas e desse com a casa a tresandar a *Maçã e Canela* ou a *Morangos e Natas*, saberia que tínhamos estado a fumar, mas se cheirasse a PCP, o cheiro só podia ser da responsabilidade do «Tio Rick e eles», ou, em alternativa, podia não dizer nada, demasiado cansada para lidar com a possibilidade de o seu único filho ser viciado em *sherm*, esperando, simplesmente, que o problema simplesmente desaparecesse.

Defender casos perante o Supremo Tribunal não é a especialidade do Hamp. É um advogado de defesa à moda antiga. Quando ligamos para o escritório dele, somos sempre postos em espera. Não por ele estar ocupado ou por não ter uma rececionista, nem mesmo por termos ligado ao mesmo tempo que outro desgraçado qualquer que viu o anúncio dele numa paragem de autocarros ou o número começado por 800 (1-800-LIBERDADE) gravado em espelhos de celas e nas divisórias de acrílico na parte de trás dos carros de polícia por transeuntes pagos.

É porque ele gosta de ouvir o atendedor de chamadas, uma recitação de dez minutos dos seus triunfos legais e julgamentos nulos.

«Contactou o Fiske Group – Qualquer Firma pode Prestar Serviços, Mas Nós Apresentamos Resultados. Inocente – Homicídio. Inocente – Conduzir Alcoolizado. Inocente – Ataque a Um Agente da Autoridade. Inocente – Abuso Sexual. Inocente – Abuso de Menores. – Inocente – Abuso de Idosos. – Anulado – Roubo. Anulado – Falsificação. – Anulado – Violência Doméstica (mais de mil casos). Anulado – Conduta Sexual com Um Menor. Anulado – Envolvimento de Criança em Atividades Relacionadas com Drogas. – Anulado – Rapto...»

O Hamp sabe que só os acusados mais desesperados têm paciência para ouvir a litania de quase todos os estatutos criminais do Código Penal de Los Angeles, primeiro em inglês, depois em espanhol e, depois, em tagalo. E são essas as pessoas que ele gosta de representar. Os miseráveis, como nos chama. Pessoas demasiado pobres para poderem ter televisão por cabo e demasiado estúpidas para perceberem que não estão a perder nada com isso. «Se o Jean Valjen tivesse sido representado por mim», costuma dizer, «*Os Miseráveis* teria tido apenas seis páginas. Anulado – Roubo de Um Pão.»

Os meus crimes não estão listados naquele atendedor de chamadas. Na acusação no Tribunal Distrital, o juiz leu a lista das minhas acusações imediatamente antes de perguntar como me declarava. Alegações que, basicamente, me acusavam de tudo, desde profanação da terra-mãe até conspiração para causar sarilhos justamente quando as coisas estavam a correr tão bem. Confuso, fiquei de pé diante do Tribunal, a tentar perceber se existia um estado entre «culpado» e «inocente». Porque é que aquelas eram as minhas duas únicas alternativas?, pensei. Não podia ser «nenhuma delas» ou «ambas»?

Depois de uma longa pausa, olhei finalmente para a tribuna e disse: «Meritíssimo, declaro-me humano.» Por isto recebi um risinho compreensivo do juiz e uma acusação de desrespeito ao Tribunal, que o Hamp reduziu prontamente a tempo passado em prisão preventiva, imediatamente antes de me declarar inocente em meu nome e de pedir, em tom de brincadeira, uma mudança de local, sugerindo

Nuremberga ou Salem, Massachusetts, como locais possíveis, tendo em conta a natureza grave das acusações. E, apesar de nunca me ter dito nada, suponho que se deu subitamente conta das ramificações do que anteriormente pensara ser um simples caso de absurdo típico vindo do gueto, pedindo admissão ao Supremo Tribunal no dia seguinte.

Mas isso são águas passadas. Para já, estou em Washington D.C., pendurado na ponta da minha corda jurídica, pedrado com memórias e marijuana. Tenho a boca seca e sinto que acabo de acordar no autocarro número 7, a cair de bêbedo depois de uma noite longa e fútil na pândega, a correr atrás de miúdas mexicanas no pontão de Santa Monica, a olhar pela janela e a chegar à conclusão lenta e limitada pela marijuana de que deixei passar a minha paragem e de que não faço ideia de onde estou ou do motivo por que toda a gente está a olhar para mim. Como esta mulher na primeira fila do tribunal, inclinada sobre o corrimão de madeira, com o rosto franzido e contorcido de raiva enquanto levanta os dedos longos, magros e com unhas postiças na minha direção. As mulheres negras têm mãos lindas e, com cada «vai-te foder» atirado ao ar, as mãos tornam-se mais e mais elegantes. São as mãos de uma poeta, uma dessas professoras poetas de cabelos naturais e com pulseiras de cobre cujos versos elegíacos comparam tudo com jazz. O parto é como o jazz. Muhammad Ali é como o jazz. Filadélfia é como o jazz. O jazz é como o jazz. Tudo é como o jazz, menos eu. Para ela eu sou uma reapropriação anglo-saxónica remisturada da música negra. Sou o Pat Boone com a cara pintada de preto a cantar uma versão ligeira de *Ain't That a Shame* de Fats Domino. Sou todas as notas do *rock'n'roll* não-punk britânico tocadas e repetidas desde que os Beatles acertaram naquele acorde ressonante da *A Hard Day's Night*. Mas e a Bobby *What You Won't Do for Love* Caldwell, o Gerry Mulligan, os Third Bass e a Janis Joplin?, apetece-me gritar-lhe. E o Eric Clapton? Espere, retiro o que disse. Que se foda o Eric Clapton. Com o peito amplo à frente, ela salta o corrimão, abre caminho por entre os guardas e corre na minha direção com as suas acusações infantis agaradas desesperadamente ao seu xaile de paxemina à Toni Morrison que me grita «Não Vês como isto É absurdamente Longo, Macio,

Brilhante e Caro? Meu cabrão, TU VAIS Tratar-me como Uma Rainha!», a arrastar atrás dela como um papagaio de papel feito de caxemira.

Agora está em cima de mim, a murmurar calma mas incoerentemente acerca do orgulho negro, dos navios de escravos, do Compromisso dos Três Quintos⁵, de Ronald Reagan, da capitação, da Marcha sobre Washington⁶, do mito do passo atrás no futebol americano, de como até os cavalos vestidos de branco do Ku Klux Klan eram racistas e, mais enfaticamente, de como as mentes maleáveis da cada vez mais redundante «*jovem juventude negra*» têm de ser protegidas. E eis que a mente do pequeno rapaz cabeçudo, com ambos os braços em volta da cintura da professora e o rosto enterrado na virilha dela, precisa sem dúvida de um guarda-costas ou, pelo menos, de um preservativo mental. Ele ergue a cabeça e olha-me expectante, à espera de uma explicação para o facto de a professora me odiar tanto. Sem recebê-la, o aluno volta para a humidade quente do seu sítio feliz, ignorando o estereótipo que diz que os homens negros não se chegam ali. O que é que eu lhe podia ter dito? «Sabes, quando jogas ao Jogo das Escadas e dos Escorregas, estás quase na meta, mas sai-te um seis e calhas naquele longo escorrega vermelho e curvo que te leva da casa 67 para a número 24?»

«Sim, senhor», diria ele educadamente.

«Bem», diria eu, esfregando-lhe a cabeça careca, «eu sou esse longo escorrega vermelho.»

A professora-poeta dá-me uma bofetada com força. E eu sei porquê. Ela, como quase toda a gente aqui presente, quer que me sinta culpado. Quer que demonstre algum arrependimento, que desate a chorar, que poupe algum dinheiro ao Estado e lhe poupe a ela o

⁵ Assinado em 1787, entre os estados do Sul e os estados do Norte dos Estados Unidos. Segundo este pacto, três quintos da população escrava seriam somados à restante população para determinar a repartição dos impostos e o número de deputados de cada estado na Câmara dos Representantes. [N. da R.]

⁶ Manifestação política organizada por Martin Luther King. Ocorreu em 28 de agosto de 1963 e reuniu mais de 250 mil pessoas que se manifestaram por liberdade, trabalho e justiça social, e pelo fim da segregação racial. [N. da R.]

embaraço de partilhar a raça comigo. Também eu espero esse familiar e avassalador sentimento de culpa negra que me faça cair de joelhos. Que me derrube, de expressão de rua em expressão de rua, até eu me curvar em súplica total à América, confessando, entre lágrimas, os meus pecados contra a cor e o país, implorando pelo perdão da minha orgulhosa história negra. Mas não há nada. Apenas o zumbido do ar condicionado e a minha moca, e enquanto um segurança a acompanha novamente até ao seu lugar, com o rapazinho atrás, agarrado ao lenço dela como se a sua vida dependesse disso, a dor na minha bochecha, que ela espera que dure para sempre, já se desvaneceu, e dou comigo incapaz de invocar o menor sentimento de culpa.

Isso é que é o mais lixado, estar a ser julgado pela minha vida e, pela primeira vez, não me sentir culpado. A culpa omnipresente, tão negra como a tarte de maçã *fast-food* e o basquetebol de prisão, desapareceu por fim, e sinto-me quase branco estar livre da culpa racial que faz um caloiro universitário de óculos temer as Sextas de Frango Frito na cantina. Eu era a «diversidade» que a escola anunciava com tanto alarido nos seus folhetos brilhantes, mas não havia apoio financeiro suficiente no mundo para me fazer chupar a gordura de uma coxa de frango diante de toda a turma. Já não sou parte dessa culpa coletiva que impede o violoncelista da terceira fila, a secretária-administrativa, o repositor, a vencedora do concurso de beleza não-propriadamente-bonita-mas-é-negra de aparecerem para trabalhar na segunda-feira de manhã e matarem todos os brancos filhos da puta que encontrem. É uma culpa que me obrigou a murmurar «desculpa.» por cada passe mal feito no básquete, por cada político alvo de investigação federal, por cada comediante de olhos arregalados e voz à preto, e por cada filme negro feito desde 1968. Mas já não me sinto responsável. Compreendo agora que a única altura em que os negros não se sentem culpados é quando fazem realmente algo de errado, porque isso nos livra da dissonância cognitiva de sermos negros e inocentes, e, de certa forma, a perspetiva de ir para a cadeia torna-se um alívio. Da mesma forma que representar estereótipos negros é um alívio, votar no Partido Republicano é um alívio, casar com uma pessoa branca é um alívio — ainda que temporário.

Desconfortável por me sentir tão confortável, faço uma última tentativa de ser uno com o meu povo. Fecho os olhos, pouso a cabeça na mesa e enterro o nariz largo na curva do braço. Concentro-me na minha respiração, ignorando as bandeiras e a fanfarra, e trago à tona o arquivo de imagens difusas da luta pelos direitos civis. Pegando-lhe com cuidado pelos bordos sensíveis, tiro-o do seu invólucro sagrado, enfio-o nos pernes mentais e nas ranhuras psicológicas, e pela lâmpada na minha cabeça que pisca com ideias decentes ocasionais. Ligo o projetor. Não é preciso focar. A carnificina humana é sempre filmada e lembrada com a mais alta definição possível. As imagens são cristalinas, permanentemente gravadas na nossa memória e nos nossos ecrãs de plasma. Aquele loop incessante do Mês da História Negra com cães a ladrar, mangueiras de bombeiros a jorrar e os carbúnculos a verterem sangue por entre cortes de cabelo de dois dólares, sangue incolor a correr por rostos brilhantes do suor e da luz do noticiário da noite, são estas as imagens que formam o nosso superego coletivo em 16 mm. Mas hoje sou todo *medula oblongata* e não me consigo concentrar. O filme na minha cabeça começa a saltar e a gaguejar. O som é cortado e os manifestantes caem como dominós em Selma, Alabama, e começam a parecer Negros Keystone⁷ a escorregarem em massa na casca de banana da ação afirmativa e a cair na rua, uma confusão de pernas e sonhos pelo ar. Os manifestantes da Marcha sobre Washington tornam-se *zombies* dos direitos civis, um grupo de cem mil pessoas a caminhar como sonâmbulos em passo sincronizado até ao centro comercial, esticando os dedos rígidos e necessitados à procura da sua libra de carne. O *zombie* líder parece exausto de ser levantado dos mortos sempre que alguém quer explicar o que os negros devem e não devem fazer, o que podem e não podem ter. Ele não sabe que o microfone está ligado e, em voz baixa, confessa que, se ao menos tivesse provado aquela zurrapa amarga que passa por chá gelado nos balcões do almoço segregados do Sul, teria cancelado toda esta conversa de direitos civis.

⁷ Referência aos Keystone Studios, produtores de filmes mudos, entre os quais alguns de Charlie Chaplin. [N. da R.]

Antes dos boicotes, dos espancamentos e das mortes. Pousa uma lata de *Coca-Cola Light* no pódio. «As coisas sabem melhor com *Coca-Cola*», diz. «É o produto original!»

Ainda assim, não me sinto culpado. Não podia estar menos preocupado em saber se estou realmente a retroceder e a arrastar toda a América negra comigo. Sou o culpado por o único benefício tangível do movimento dos direitos civis ser o facto de os negros já não terem tanto medo de cães? Não, não sou.

O oficial de justiça levanta-se, bate com o martelo e começa a entoar a invocação do Tribunal: «O Eminentíssimo Chefe de Justiça e os Juizes Associados do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.»

O Hampton ajuda-me a levantar-me nas minhas pernas trémulas e, juntamente com o público presente, erguemo-nos numa solenidade ministerial enquanto os juizes entram no tribunal, fazendo o seu melhor por parecerem imparciais, com os seus penteados reminiscentes da era de Eisenhower e as expressões vazias de «mais um dia no escritório». É pena uma pessoa não conseguir não ter um ar pomposo quando usa uma beca de seda preta e, além do mais, o Juiz Negro esqueceu-se de tirar o *Rolex* de platina de 50 mil dólares. Suponho que também seria um convencido do caralho se tivesse um emprego mais seguro do que o Tempo.

Atenção! Atenção! Atenção!

Nesta altura, ao fim de cinco anos de intermináveis decisões, anulações, apelações, adiamentos e audiências preliminares, já nem sei se sou o queixoso ou o réu. Só sei que o juiz de cara amarga com o cronómetro pós-racial não pára de olhar para mim. Tem os olhos pequeninos fixos numa expressão impiedosa, zangado por eu ter lixado o seu expediente político. Destapei-lhe a careca, como um miúdo que vai ao jardim zoológico da cidade pela primeira vez e, frustrado por ter passado por uma aparente sucessão interminável de jaulas de répteis vazias, pára finalmente junto a um habitat e grita: «Ali está ele!»

Ali está ele, o *Chamaleo africanus symbolicus* escondido no fundo, no meio dos arbustos, com os pés pegajosos fechados com força em volta do ramo judicial num torpor frio, mordiscando em silêncio as

folhas da injustiça. *Longe da vista, longe do coração*, é o lema do negro trabalhador, mas agora o país inteiro vê este, os nossos narizes coletivos encostados ao vidro, espantados por ele ter conseguido camuflar o seu traseiro negro do Alabama contra o fundo vermelho, branco e azul da bandeira americana durante tanto tempo.

— Todas as pessoas que têm assuntos a tratar com o eminente, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos, são convocadas a aproximarem-se e a prestarem a sua atenção, pois o Tribunal está agora em sessão. Que Deus Salve os Estados Unidos e este eminente Tribunal!

O Hamp massaja-me o ombro, uma lembrança de não me preocupar com o magistrado com carapinha nem com a república que ele representa. Este é o Supremo Tribunal, não um tribunal de primeira instância. Não tenho de fazer nada. Não preciso de cópias dos recibos da lavanderia, de relatórios da polícia, nem de uma fotografia de um para-choques amolgado. Aqui, os advogados argumentam, os juízes questionam e eu posso simplesmente relaxar e curtir a minha moca.

O Chefe de Justiça apresenta o caso. Os seus modos descontraídos do Midwest ajudam grandemente a aliviar a tensão na sala.

— Vamos ouvir as primeiras argumentações nesta manhã no caso 09-2606... — Faz uma pausa, esfrega os olhos e depois compõe-se. — No caso 09-2606 «Me vs. Os Estados Unidos da América». — Não há uma explosão de reações⁸. Apenas risinhos e revirar de olhos acompanhados por um chuchar de dentes que diz «Quem é que este filho da puta acha que é?» Admito, «Eu vs. Os Estados Unidos da América» soa um pouco autoengrandecedor, mas o que é que posso dizer? Chamo-me Me. Literalmente. Um descendente não muito orgulhoso dos Mees de Kentucky, uma das primeiras famílias negras a estabelecerem-se no Sudoeste de Los Angeles, consigo identificar as minhas raízes até ao primeiro veículo a escapar à repressão sulista sancionada pelo Estado: o autocarro da *Greyhound*. Mas quando nasci, o meu pai, na retorcida tradição dos artistas judeus que mudam de nome e dos

⁸ Em inglês, Me corresponde a «Eu». Na situação em questão, o caso chamar-se-ia «Eu vs. Os Estados Unidos da América» [N. da T.]

homens negros reprimidos e falhados que os invejam, decidi trancar o nome da família, deixando cair o último e incômodo «e» da mesma forma que Jack Benny se livrou de Benjamin Kubelsky, Kirk Douglas de Danielovitch, tal como Jerry Lewis se livrou de Dean Martin, Max Baer se livrou de Schmeling, tal como os Third Bass desistiram das ciências e Sammy Davis, Jr. se livrou do judaísmo por completo. Ele não ia deixar que aquela vogal extra me prejudicasse como tinha feito com ele. O meu pai gostava de dizer que não tinha anglicizado nem africanizado o meu sobrenome, mas, antes, que o tinha atualizado, que eu tinha nascido tendo realizado todo o meu potencial e podia saltar Maslow, a terceira classe e Jesus.

Sabendo que as estrelas de cinema mais feias, os *rappers* mais brancos e os intelectuais mais estúpidos são frequentemente os membros mais respeitados da profissão da sua escolha, Hamp, o advogado de defesa que parece um criminoso, pousa confiantemente o palito dos dentes no atril, passa a língua sobre um incisivo revestido a ouro e endireita o fato, branco como os dentes de um bebé, largo como um cafetã, com duas fileiras de botões, que lhe assenta no corpo ossudo como um balão de ar quente vazio e, dependendo dos gostos musicais, ou condiz ou choca com a sua permanente química preta e com o seu tom de pele a fazer lembrar um *knock-out* no primeiro *round* de Mike Tyson. Parte de mim esperava que ele se dirigisse ao Tribunal como «Caros bacanos e bacanas, podem ter ouvido dizer que o meu cliente é desonesto, mas isso é fácil de dizer, porque o meu cliente é um vigarista!». Numa era em que os ativistas sociais têm programas de televisão e milhões de dólares, não há muita gente como Hampton Fiske, estes palermas *pro-bono* que acreditam no sistema e na Constituição, mas que conseguem ver a lacuna entre a realidade e a retórica. E embora eu não saiba ao certo se ele acredita realmente em mim ou não, sei que, quando começa a defender o indefensável, não faz diferença, pois é um homem cujo lema nos cartões de visita é «Para os pobres, todos os dias são de vestuário informal».

Fiske mal tinha dito «Se o Tribunal permitir» quando o juiz negro se moveu quase impercetivelmente para a frente no lugar. Ninguém teria

reparado, mas uma roda a guinchar na cadeira denunciou-o. E, com cada referência a alguma secção obscura da Lei dos Direitos Civis ou dos casos que estabeleciam os precedentes, o juiz mexe-se impacientemente, fazendo a cadeira chiar cada vez mais alto com cada transferência do seu peso inquieto de uma nádega flácida e diabética para a outra. Podem assimilar o homem, mas não a tensão arterial, e a veia que lhe lateja furiosamente na testa denuncia-o. Está a lançar-me aquele olhar enlouquecido, de olhos vermelhos, a que, em casa, nos referimos como o Olhar de Willowbrook Avenue, sendo que Willowbrook Avenue é o rio Estige de quatro vias que, em Dickens da década de 1960, separava os bairros brancos dos negros, mas agora, na era pós-branca, pós-qualquer-pessoa-com-dois-tostões, o inferno fica dos dois lados da rua. As margens do rio são perigosas, e, enquanto estamos parados no passeio à espera de que o semáforo mude de cor, a nossa vida pode mudar. Algum tipo que passe por ali, representando alguma cor, *clica* ou qualquer uma das cinco fases do luto, pode pôr a pistola fora da janela do lado do passageiro de um *coupé* de duas cores, lançar-nos o olhar à Juiz Negro do Supremo Tribunal e perguntar: «De onde és, otário?»

A resposta correta é, obviamente, «De lado nenhum.», mas, às vezes, não nos ouvem por cima do motor ruidoso que ronca sem silenciador, da audiência de confirmação contenciosa, dos média liberais a questionarem as nossas credenciais, da cabra preta intriguista a acusar-nos de assédio sexual. Às vezes, «De lado nenhum.» não é, simplesmente, uma resposta suficientemente boa. Não porque eles não acreditem em nós, porque «toda a gente vem de algum lado», mas porque não querem acreditar em nós. E agora, tendo perdido o verniz de civismo patricio, este magistrado de rosto franzido, sentado na sua cadeira giratória de costas altas, não é diferente do membro de um gangue a rolar pela Willowbrook Avenue sentado no lugar do morto porque a morte é a sua especialidade.

E, pela primeira vez no seu longo mandato no Supremo Tribunal, o juiz negro tem uma pergunta. Como nunca antes interveio, não sabe exatamente como fazê-lo. Olhando para o juiz italiano a pedir autorização, ergue lentamente no ar os dedos-charutos da sua mão anafada,

mas demasiado enfurecido para esperar pela autorização, cospe «Ó bacano, estás doido?» num tom surpreendentemente agudo para um homem negro daquele tamanho. Agora desprovidos de objetividade e serenidade, os seus punhos gigantes batem no banco com tanta força que o enorme relógio finório banhado a ouro suspenso do teto por cima da cabeça do presidente começa a balançar para trás e para a frente. O juiz negro aproxima-se demasiado do microfone, gritando contra ele, porque, embora eu esteja sentado a apenas alguns metros do banco, as nossas diferenças separam-nos por anos-luz. Ele exige saber como é que, nos tempos que correm, um homem negro é capaz de violar os princípios sagrados da Décima Terceira Emenda, tendo um escravo. Como é que fui capaz de ignorar deliberadamente a Décima Quarta Emenda e argumentar que, às vezes, a segregação une as pessoas. Como todas as pessoas que acreditam no sistema, ele quer respostas. Quer acreditar que Shakespeare escreveu todos aqueles livros, que Lincoln lutou na Guerra Civil para libertar os escravos e que os Estados Unidos lutaram na Segunda Guerra Mundial para salvarem os judeus e manterem o mundo seguro para a democracia, que Jesus e as sessões duplas no cinema vão voltar. Mas eu não sou um americano panglossiano. E quando fiz o que fiz, não estava a pensar em direitos inalienáveis, na história orgulhosa do nosso povo. Fiz o que resultava, e desde quando é que um pouco de escravatura e segregação fez mal a alguém, e, se fez, que se foda.

Às vezes, quando uma pessoa está tão mocada como eu, a linha que separa o pensamento e a fala desvanece-se, e, a avaliar pela forma como o juiz negro está a espumar da boca, devo ter dito esta última parte em voz alta: «... que se foda». Ele levanta-se como se quisesse lutar comigo. Tem uma bola de cuspo vinda das regiões mais profundas da sua licenciatura pela Faculdade de Direito de Yale alojada na ponta da língua. O presidente do Tribunal grita o nome dele, e o juiz negro controla-se e volta a deixar-se cair na cadeira. Engolindo a saliva e, talvez, o orgulho.

— Segregação racial? Escravatura? Ora, seu filho da puta de merda, eu sei muito bem que os teus pais te educaram melhor do que isso! Portanto, vamos lá dar início a esta festa de enforcamento!

A MERDA QUE LHES DAMOS

S uponho que o problema era justamente esse: eu não fui educado de maneira melhor. O meu pai era (Carl Jung, paz à sua alma) um cientista social de renome. Como fundador e, tanto quanto sei, o único a exercer a área da psicologia da libertação, gostava de andar pela casa, também conhecida como a «caixa de Skinner», de bata de laboratório vestida. Onde eu, a sua cobaia alta e distraída, era educado em casa em conformidade com a teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget. Não era alimentado; eram-me apresentados estímulos mornos para o apetite. Não era castigado, mas antes libertado dos meus reflexos não condicionados. Não era amado, mas antes educado numa atmosfera de intimidade calculada e níveis intensos de compromisso.

Vivíamos em Dickens, uma comunidade de gueto nos arredores do Sul de Los Angeles, e, por estranho que pareça, cresci numa quinta num bairro pobre da cidade. Fundada em 1868, Dickens, à semelhança da maioria das cidades da Califórnia, à exceção de Irvine, que tinha sido estabelecida como viveiro para republicanos brancos, feios, gordos e estúpidos, e para os chihuahuas e refugiados do leste asiático que os adoram, começou por ser uma comunidade agrícola. A carta da cidade original estipulava que «Dickens será livre de chineses, espanhóis de todos os tons, dialetos e chapéus, franceses, ruivos, cidadãos e judeus sem qualificações». No entanto, os fundadores, com a sua sabedoria um tanto limitada, também decretaram que os 200 hectares que ladeavam o canal seriam permanentemente reservados para uma coisa chamada «agricultura residencial»,

nascendo, assim, o meu bairro, uma secção de dez quarteirões quadrados de Dickens, conhecida informalmente como as Quintas. Uma pessoa sabe que entrou nas Quintas porque os passeios da cidade, juntamente com as jantes, os autorrádios, a coragem e o registo de voto progressista se desvanecem no ar carregado com o cheiro de estrume de vaca e, se o vento estiver de feição, de boa erva. Homens adultos pedalam lentamente em bicicletas de BTT e *fixies* por ruas apinhadas com bandos de todo o tipo de aves de quinta, de galinhas a pavões. Pedalam sem mãos, a contar pequenos molhos de notas, a erguer o olhar apenas durante tempo suficiente para levantarem uma sobrancelha inquisitiva e murmurarem «Como é que é? Q'vo?». Nos relvados, rodas de carroça pregadas a árvores e cercas a darem um toque de autenticidade pioneira às casas estilo rancho, contradizendo o facto de que todas as janelas, entradas e portinholas para cão terem mais grades e cadeados do que uma «cantina» de prisão. Sentados em espreguiçadeiras frágeis, idosos em alpendres e crianças de 8 anos que já viram de tudo, esculpindo madeira com navalhas à espera de que algo aconteça, como acontece sempre.

Durante os 20 anos em que o conheci, o meu pai sempre foi o reitor interino do departamento de psicologia da West Riverside Community College. Para ele, que tinha crescido como filho de um gerente de um estábulo num pequeno rancho em Lexington, Kentucky, a agricultura era nostálgica. E quando veio para o Oeste com um emprego de professor, a oportunidade de viver numa comunidade negra e de criar cavalos era demasiado boa para a deixar escapar, apesar de nunca ter conseguido pagar a hipoteca e a manutenção da casa.

Talvez, se tivesse sido um psicólogo comparativo, alguns dos cavalos e vacas tivessem vivido além dos 3 anos e os tomates tivessem tido menos lagartas, mas, no seu íntimo, ele estava mais interessado na liberdade dos negros do que no controlo de pragas e no bem-estar do reino animal. E, na sua tentativa de abrir as portas da liberdade mental, eu fui a sua Anna Freud, o seu pequeno estudo de caso, e, quando não estava a ensinar-me a montar, estava a

reproduzir experiências famosas das ciências sociais, comigo a fazer simultaneamente de grupo de controlo e grupo experimental. Como qualquer criança negra «primitiva» com a sorte de chegar à fase operacional formal, percebi que tinha uma educação merdosa à qual nunca poderia escapar.

Suponho que, se tivermos em conta a falta de um comité de ética para supervisionar as metodologias pedagógicas do meu pai, as experiências começaram de forma bastante inocente. Na primeira parte do século xx, os behavioristas Watson e Rayner, numa tentativa de mostrar que o medo é um comportamento aprendido, expuseram a criança de 9 anos conhecida como «Pequeno Albert» a estímulos neutros como ratinhos brancos, macacos e pilhas de jornais queimados. Inicialmente, o sujeito não se deixou perturbar pela série de símios, roedores e chamas, mas, depois de Watson combinar repetidamente a presença dos ratos com ruídos incrivelmente altos, com o passar do tempo, o «Pequeno Albert» desenvolveu medo não apenas de ratos brancos, mas de todas as coisas com pelo. Quando eu tinha sete meses, o meu pai colocava objetos como carros de polícia de brincar, latas frias de *Pabst Blue Ribbon*, crachás da campanha de Richard Nixon e um exemplar do *The Economist* no meu berço, mas, em vez de me condicionar com um estrondo ensurdecedor, aprendi a ter medo dos estímulos apresentados porque eram acompanhados dele a pegar na *Special* .38 da família e a disparar várias rajadas violentas para o teto enquanto gritava «Volta para África, escarumba!» suficientemente alto para se fazer ouvir por cima da aparelhagem que, na sala, passava em altos berros o «Sweet Home Alabama». Até hoje, nunca consegui ver até ao fim um episódio da série criminal mais banal na televisão, tenho uma estranha afinidade com Neil Young e sempre que tenho dificuldade em adormecer, não ouço sons gravados de ondas ou tempestades, mas sim as gravações de Watergate.

Dizem as lendas familiares que, entre as idades de 1 e 4 anos, ele me prendia a mão direita atrás das costas para eu crescer canhoto, a operar com o hemisfério direito e centrado. Tinha 8 anos quando o meu pai quis testar o «efeito espetador» no sentido em que se

aplica à «comunidade negra». Reproduziu o famoso caso de Kitty Genovese com um eu prepubescente a fazer da infeliz senhora Genovese, que, em 1964, foi assaltada, violada e esfaqueada até à morte nas ruas apáticas de Nova Iorque, onde os seus gritos de socorro bastante explícitos e fáceis de interpretar foram ignorados por dezenas de transeuntes e residentes do bairro. É daí que vem o nome de «efeito espetador»: quanto mais pessoas estejam perto para oferecer ajuda, menos provável é que seja prestada. O meu pai desenvolveu a hipótese de que este efeito não se aplicava aos negros, uma raça afetuosa cuja sobrevivência tinha dependido da entreatura em momentos de necessidade. Assim, fez-me ficar parado no cruzamento mais movimentado do bairro, com notas de dólar a espreitarem-me dos bolsos, o aparelho eletrónico mais moderno e brilhante enfiado nos canais auditivos, um colar de ouro estilo *hip-hop* ao pescoço e, inexplicavelmente, um conjunto de tapetes personalizados para um *Honda Civic* pendurados no braço como um pano no braço de um empregado de mesa, e, enquanto as lágrimas me corriam dos olhos, o meu próprio pai assaltou-me. Bateu-me diante de uma multidão de espetadores que não assistiram durante muito tempo. O assalto ainda só ia a dois murros na cara quando as pessoas vieram, não em meu auxílio, mas para oferecer ajuda ao meu pai. Ajudando-o a dar-me uma sova, juntaram-se a ele com cotoveladas e golpes de *wrestling*. Uma mulher aplicou-me uma bem executada e, em retrospectiva, misericordiosa chave de pescoço. Quando recuperei a consciência e vi o meu pai a interrogá-la e ao resto dos meus atacantes, com os rostos ainda suados e o peito ainda a arquejar do esforço do seu altruísmo, imaginei que tinham os ouvidos a zunir, como os meus, dos meus gritos agudos e do seu riso frenético.

Qual foi o seu grau de satisfação com o seu próprio altruísmo?

Nada satisfeito	Moderadamente satisfeito	Muito satisfeito		
1	2	3	4	5

A caminho de casa, o paizão pôs-me um braço consolador sobre os ombros doridos e deu-me um sermão sobre a forma como não teve em conta o «efeito manada».

Depois houve aquela altura em que ele quis testar a «Servilidade e Obediência na Geração *Hip-Hop*». Eu devia ter uns 10 anos quando o meu pai me sentou em frente a um espelho, pôs uma máscara de Ronald Reagan, prendeu um antigo *pin* com asas de capitão da Trans World Airlines na bata e se proclamou uma «figura de autoridade branca».

– O preto no espelho é um preto estúpido – explicou-me, com aquela «voz branca» esganiçada e enjoativa que os comediantes negros usam, enquanto me fixava eléctrodos nas têmporas. Os fios conduziam a uma consola de aspeto sinistro cheia de botões, mostradores e medidores de voltagem antiquados.

– Vais fazer ao rapaz do espelho uma série de perguntas acerca da sua suposta história escarumba, a partir da folha em cima da mesa. Se ele der a resposta errada ou se não responder em dez segundos, carregas no botão vermelho, dando-lhe um choque elétrico, que vai aumentando de intensidade com cada resposta errada.

Eu sabia que não valia a pena implorar por misericórdia, pois a misericórdia seria um sermão acerca de eu ter o que merecia por ter lido o único livro de banda desenhada que alguma vez tivera. *Batman #203, Os Segredos Espetaculares da Batcave Revelados*, um exemplar bolorento e com os cantos gastos que alguém tinha atirado para o quintal e que eu tinha levado para dentro e recuperado até estar outra vez legível, como se fosse um pedaço de literatura ferido. Era a primeira coisa que lia vinda do mundo exterior, e quando peguei nele durante uma pausa nas minhas aulas em casa, o meu pai confiscou-o. Desde então, sempre que eu não sabia alguma coisa ou que tinha tido um dia difícil no bairro, ele agitava a capa meio rasgada do livro de banda desenhada à minha frente.

– Vês? Se não andasses a desperdiçar a tua vida a ler estas porcas, percebias que o Batman não vem salvar o teu couro ou o teu povo! Li a primeira pergunta.

— Antes de declarar a independência em 1957, o país da África Ocidental Gana era composto por que duas colônias?

Eu não sabia a resposta. Pus-me à escuta, à espera do rugido do motor do *Batmobile* a virar a esquina com os pneus a chiar, mas só consegui ouvir o cronómetro do meu pai a marcar a passagem dos segundos. Rangi os dentes, pus o dedo em cima do botão vermelho e esperei que o tempo expirasse.

— A resposta é Togolândia e Costa do Ouro.

Obedientemente, tal como o meu pai previra, carreguei no botão. As agulhas no mostrador e a minha espinha ficaram ambas verticais, enquanto eu me via no espelho a ser violentamente fulminado durante um segundo ou dois.

Jesus.

— Quantos *volts* foi isto? — perguntei, com as mãos a tremerem descontroladamente.

— O sujeito só pode fazer as perguntas indicadas na folha — disse friamente o meu pai, estendendo a mão à minha frente para um botão preto e virando-o alguns pontos para a direita, de modo a que o indicador repousava agora no xxx. — Agora, por favor, lê a próxima pergunta.

Comecei a sofrer de um turvamento da visão que suspeitei ser psicossomático. Não obstante, estava tudo desfocado, como se saído de um vídeo pirateado de cinco dólares projetado numa televisão barata, e, para ler a pergunta seguinte, tive de aproximar o papel tremelicante do nariz.

— Dos 23 mil alunos do oitavo ano que fizeram o exame de admissão no Stuyvesant High, a escola secundária pública mais seletiva de Nova Iorque, quantos afro-americanos tiveram uma nota suficientemente alta para serem admitidos?

Quando terminei de ler, o meu nariz começou a sangrar, gotas vermelhas a pingarem-me da narina esquerda e a caírem na mesa a intervalos perfeitos de um segundo. Pondo de lado o cronómetro, o meu pai iniciou a contagem decrescente. Lancei-lhe um olhar desconfiado. A pergunta era demasiado tópica. Era óbvio que, tinha estado

a ler o *The New York Times* ao pequeno-almoço. A preparar-se para a experiência do dia procurando informação racial com uma tigela de *Rice Krispies*. A virar as páginas com uma velocidade e fúria que faziam os cantos afiados do jornal estalar no ar matinal.

O que faria o Batman se tivesse entrado a correr na cozinha naquele momento e visto um pai a electrocutar o próprio filho para o bem da ciência? Ora, abriria o seu cinto de ferramentas e sacaria algumas daquelas granadas de gás lacrimogénio, e, enquanto o meu pai sufocava nos vapores, acabaria de o asfixiar, supondo que havia corda suficiente para enrolar em volta daquele pescoço balofo como uma salsicha; depois queimar-lhe-ia olhos com o feixe de *laser*, usaria a câmara em miniatura para tirar algumas fotografias para a bat-posteridade e, com uma chave-mestra, roubaria o *Karmann Ghia* descapotável azul-céu do meu pai, só conduzido em viagens a bairros brancos, e daríamos à sola. É o que o Batman faria. Mas eu, o bat-paneleiro cobarde que era e ainda sou, só conseguia pensar em questionar a metodologia desleixada da pergunta. Por exemplo, quantos alunos negros fizeram o exame de admissão? Qual era o tamanho médio de uma turma no liceu Stuyvesant High?

Mas desta vez, antes de a décima gota de sangue ter aterrado na mesa, e antes que o meu pai pudesse dizer a resposta (sete), carreguei no botão vermelho, administrando um choque elétrico destruidor de nervos e retardador o crescimento, de uma voltagem que teria assustado o Thor e lobotomizado uma classe educada já anestesiada, porque, agora, eu também estava curioso. Queria ver o que acontece quando entregamos um miúdo negro de 10 anos à ciência.

O que descobri foi que a expressão «evacuar os intestinos» é errada, porque aconteceu o contrário, os meus intestinos evacuaram-me a mim. Foi uma retirada de fezes comparável às grandes evacuações da História. Dunquerque. Saigão. Nova Orleães. Mas, ao contrário dos britânicos, dos capitalistas vietnamitas e dos residentes da zona de Ninth Ward, os ocupantes do meu trato intestinal não tinham para onde ir. As partes líquidas daquela vaga fétida de merda e urina que não se alojam em volta das minhas nádegas e tomates

escorreram-me pelas pernas e acumularam-se dentro e em redor dos meus ténis. Sem querer comprometer a integridade desta experiência, o meu pai simplesmente apertou o nariz e fez-me sinal para que continuasse. Graças a Deus, eu sabia a resposta à terceira pergunta, «Quantas Câmaras tem o Wu-Tang?», porque se não soubesse, o meu cérebro teria a cor cinzenta e a consistência de uma brique de churrasco no 5 de Julho¹.

O meu curso intensivo de desenvolvimento infantil terminou dois anos mais tarde, quando o meu pai tentou reproduzir o estudo da consciência da cor em crianças negras dos Drs. Kenneth e Mamie Clark, usando bonecos brancos e negros. A versão do meu pai, claro, era um pouco mais revolucionária. Um pouco mais moderna. Ao passo que os Clarks tinham posto dois bonecos com ar de querubins, um branco e um negro, em tamanho real, com sapatos bicolores, em frente às crianças e lhes tinham pedido que escolhessem o que preferiam, o meu pai pôs dois elaborados cenários com bonecos à minha frente e perguntou-me:

— Quem e que subtexto sociocultural curtes, filho?

O Cenário I apresentava o *Ken* e a *Barbie Malibu* vestidos com fatos de banho a condizer, com máscaras e óculos de mergulho, a relaxar em frente à piscina da Casa de Sonho. No Cenário II, o Martin Luther King, Jr., o Malcolm X, a Harriet Tubman e um sempre-em-pé oval e castanho corriam (e balançavam) por um matagal pantanoso, fugindo de uma matilha de pastores-alemães que lideravam uma turba armada composta pelos meus *G.I. Joe* vestidos com roupas do Ku Klux Klan.

— O que é aquilo? — perguntei, apontando para um pequeno enfeite de Natal que girava lentamente por cima do pântano, brilhando e reluzindo como uma bola de espelhos sob o sol da tarde.

— É a Estrela Polar. Estão a correr em direção à Estrela Polar. Em direção à liberdade.

¹ Feriado informal nos Estados Unidos para os que estiveram a trabalhar no 4 de Julho, Dia da Independência. [N. da R.]

Peguei no Martin, no Malcolm e na Harriet, provocando o meu pai ao perguntar:

– O que é isto, *fantoches*? – O Martin Luther King, Jr. parecia bem. Vestido com um fato justo preto e brilhante, tinha um exemplar da autobiografia de Gandhi colada a uma mão e um microfone na outra. O Malcolm tinha uma roupa semelhante, mas usava óculos e tinha na mão um cocktail molotov incendiado que lhe derretia lentamente a mão. O sempre-em-pé sorridente e racialmente ambíguo, que parecia estranhamente uma versão juvenil do meu pai, manteve-se fiel ao seu *slogan* publicitário, balançando e nunca caindo, independentemente de estar precariamente equilibrado na palma da minha mão ou a ser perseguido pelos cavaleiros da supremacia branca. No entanto, havia algo de errado com a Menina Tubman. Usava um saco de estopa justo ao corpo e não me lembro de nenhum dos meus livros de História descrever a mulher conhecida por Moisés como sendo escultural, com uma figura de ampulheta 86–60–86, longos cabelos sedosos, sobrancelhas arranjadas, olhos azuis, boca a fazer beicinho e maminhas espetadas.

– Pai, pintaste a Barbie de preto.

– Queria manter o padrão de beleza. Estabelecer uma base estética, para não poderes dizer que uma das bonecas era mais bonita do que a outra.

A Barbie Plantação tinha um fio a sair das costas. Puxei-o. «A matemática é difícil, vamos às compras», disse com uma voz esganiçada e cantarolada. Voltei a pousar os heróis negros no pântano da mesa da cozinha, movendo-lhes os membros para retomarem as suas poses de fugitivos.

– Curto o Ken e a Barbie.

O meu pai perdeu a objetividade científica e agarrou-me pela camisa.

– O quê? Porquê? – gritou.

– Porque os brancos têm acessórios melhores. Quero dizer, basta olhar. A Harriet Tubman tem uma lanterna a gás, uma bengala e uma bússola. O Ken e a Barbie têm um todo-o-terreno e uma lancha! Não tem comparação.

No dia seguinte, o meu pai queimou as suas «conclusões» na lareira. Mesmo ao nível da licenciatura, é extremamente importante publicar. Mas, mais do que o facto de ele nunca ter tido um lugar de estacionamento com o seu nome ou uma carga horária reduzida, eu fui uma experiência social falhada. Um filho estatisticamente insignificante que tinha destruído as suas esperanças, tanto para mim como para a raça negra. Fez-me entregar o meu livro de sonhos. Parou de chamar à minha mesada «reforço positivo» e começou a referir-se a ela como «restituição». Embora nunca tenha parado de insistir na «aprendizagem pelos livros», não demorou a comprar a minha primeira pá, forquilha e tesoura de tosquia. Mandou-me para os campos com uma palmadinha no traseiro e a famosa citação de Booker T. Washington² presa ao macacão de ganga para me dar ânimo: «Pousa o teu balde onde estiveres.» Se existir um Céu merecedor do esforço que as pessoas fazem para lá chegar, espero, para o bem do meu pai, que haja uma publicação científica de psicologia celestial. Uma que publique os resultados de experiências falhadas, porque reconhecer teorias insubstanciadas e resultados negativos é tão importante como publicar estudos a provar que o vinho tinto é a cura universal o que sempre fingimos que era.

Nem todas as memórias que tenho do meu pai são más. Apesar de, tecnicamente, eu ser filho único, o meu pai, como muitos homens negros, tinha muitos filhos. Os cidadãos de Dickens são a sua prole. Embora não tivesse muito jeito para cavalos, era conhecido em Dickens por *Encantador de Pretos*. Sempre que um mano que tinha «perdido a puta da cabeça» precisava de ser convencido a descer de uma árvore ou de um precipício, ele era chamado. O meu pai agarrava a sua bíblia da psicologia social, *The Planning of Change*, de Bennis, Benne e Robert Chin, um psicólogo sino-americano lamentavelmente subestimado que o meu pai nunca conheceu, mas que

² Booker T. Washington (Estados Unidos, 1856–1915). Escritor e educador afro-americano. Foi também conselheiro presidencial de Roosevelt em assuntos raciais e na política sulista. [N. da R.]

afirmava ser o seu mentor. A maioria dos miúdos ouvia contos de fadas e histórias para adormecer: eu tinha de adormecer ao som de leituras de capítulos com títulos como «A Utilidade dos Modelos dos Ambientes de Sistemas para Praticantes». O meu pai era, sem dúvida, um praticante. Não me lembro de uma altura em que não me tenha levado consigo para um encantamento de pretos. A caminho, gabava-se de que a comunidade negra era como ele: TMD.

– Tudo menos dissertação?

– Tudo menos derrotada.

Quando chegávamos, ele sentava-me no tejadilho de um monovolume próximo ou punha-me em pé em cima de um contentor de beco, passava-me um bloco A4 e dizia-me para tirar apontamentos. No meio de todas as sirenes e luzes a piscar, dos choros e dos vidros partidos que estalavam suavemente sob os seus sapatos de camurça, eu morria de medo dele. Mas o meu pai tinha uma forma de abordar o inabordável. Com um rosto piedoso e sério, com as palmas voltadas para cima como um Jesus de tabliê, aproximava-se de um qualquer lunático de faca em riste cujas pupilas tinham dilatado para o tamanho de átomos graças a um quarto de conhaque *Hennesy XO* seguido de um *pack* de 12 cervejas *light*. Ignorando o uniforme de trabalho, manchado de sangue e coberto de massa cinzenta e matéria fecal, ele abraçava a pessoa como se estivesse a cumprimentar um velho amigo. As pessoas achavam que era o altruísmo que lhe permitia aproximar-se tanto, mas, para mim, era a voz que o aproximava. Com um grave de *doo-wop*, o meu pai falava em fá sustentido. Um tom grave ressonante que nos fixava no lugar como um adolescente de meias pelo tornozelo a ouvir os Five Satins a cantar *In the Still of the Night*. Não é a música que acalma a besta selvagem, mas a dessensibilização sistemática. E a voz do meu pai tinha a capacidade de relaxar os enfurecidos e de lhes permitir confrontar os seus medos sem ansiedade.

Quando eu estava na escola primária, soube, pela forma como o sabor das romãs nos levava às lágrimas, pela forma como o sol de verão tornava as nossas afros vermelhas como toranjas e pela forma

como o meu pai ficava animado sempre que falava do Dodger Stadium, do rosé *Zinfandel* e do último pôr do Sol esverdeado que viu do cimo do Mount Wilson, que a Califórnia era um lugar especial. E, se pensarem bem, uma grande parte do que tornava o século xx suportável tinha sido inventado numa garagem na Califórnia: o computador da *Apple*, a *Boogie Board* e o *gangster rap*. Graças à carreira do meu pai como encantador de pretos, estive presente no nascimento deste última, quando às seis horas de uma manhã fria e escura no gueto, a dois quarteirões de onde vivo, o Carl «Kilo G» Garfield, alucinando à grande com o seu próprio material e com o lirismo melancólico de Alfred Lord Tennyson, saiu de rompante da garagem a semicerrar os olhos para o seu *Moleskine*, com um cachimbo de *crack* fumegante a pender-lhe dos dedos. Estávamos no auge da era do *crack*. Eram cerca de dez horas quando ele subiu para a caixa da sua *pickup Toyota* amarela modificada, com o TO e o TA raspados e pintados por cima de modo que a marca na traseira dissesse apenas YO, e começou a recitar os seus versos a plenos pulmões, o pentâmetro jámbico arrastado pontuado com tiros da sua .38 revestida a níquel e com pedidos da mãe para que ele enfiasse o cu em casa em vez de estar no meio da rua em pelo.

O ATAQUE DO ESCARUMBA DE PELE CLARA

Meio litro, meio litro,
Mais meio litro
Todos no beco da Morte
A cavalgar o *Olde English 800*.
Em frente, Escarumba de Pele Clara!
«Ataca pelos *Bloods!*» disse ele:
Para o beco da Morte
A cavalgar o *Olde English 800*...

Quando a SWAT finalmente chegou ao local, abrigando-se atrás dos carros-patrolha e dos sicómoros, com as espingardas de assalto

apertadas contra o peito, nenhum deles conseguia conter o riso durante tempo suficiente para dar disparar a matar.

Não lhes cabe pensar que merda é esta,
Cabe-lhes apenas disparar e abaixarem-se:

Bacanos à direita deles
Bacanos à esquerda deles,
Bacanos à frente deles
Curtiam e e faziam merda
Placados por bonés e balas de ponta oca
Enquanto chaços e gatunos caíam
Eles que viveram a rua tão bem
Atravessaram as presas da Morte
Regressados da puta do Inferno,
E a única coisa que restou deles
Restou do *Olde English 800*.

E quando o meu pai, o *Encantador de Pretos* — com aquele sorriso beatífico estampado no rosto — abriu caminho para o outro lado da barricada policial, pôs um braço vestido com *tweed* em volta do traficante arrasado e lhe falou com profundidade sussurrada ao ouvido, o Kilo G pestanejou, confuso como um voluntário no palco estonteado por um hipnotizar índio de casino, acabando por entregar-lhe a arma e as chaves do seu coração. A polícia aproximou-se para o prender, mas o meu pai pediu-lhes que se afastassem, dizendo ao Kilo que terminasse o poema e até juntando-se a ele no final de cada verso, fingindo saber as palavras.

Pode a cena deles desvanecer-se?
Oh, o ataque brutal que fizeram!
A merda do mundo todo ficou à toa.
Respeitem o ataque que fizeram
Respeitem o ataque do Escarumba de Pele Clara
A nobre e agora vazia garrafa de *Olde English 800*.

As carrinhas e os carros da polícia desapareceram na névoa matinal, deixando o meu pai, divino, sozinho no meio da rua, a deliciar-se com o seu espírito humanitário. Convencido, virou-se para mim.

— Sabes o que é que eu disse para fazer aquele cabrão psicótico baixar a arma?

— O que é que disseste, papá?

— Disse: «Mano, tens de perguntar a ti mesmo duas coisas: Quem sou? E como me posso tornar eu próprio?» Isto é terapia centrada na pessoa da mais básica. Queres que o cliente se sinta importante, que sinta que controla o processo de cura. Lembra-te dessa merda.

Tive vontade de lhe perguntar porque é que nunca me falou no mesmo tom reconfortante que usava com os seus «clientes», mas sabia que, em vez de obter uma resposta, ia levar com o cinto, e o meu processo de cura ia envolver mercurocromo, e, em lugar de ficar de castigo, teria uma sentença de entre cinco e três semanas de imaginação ativa junguiana. Ao longe, às voltas para longe de mim como uma galáxia em espiral distante, as sirenes vermelhas e azuis giraram em silêncio, mas brilhando, iluminando a bruma marítima matinal como uma espécie de aurora boreal do gueto. Enfiei o dedo num buraco de bala no tronco da árvore, a pensar que, tal como a bala enterrada a dez anéis de profundidade no tronco, eu nunca ia sair daquele bairro. Que ia frequentar a escola secundária local. Terminar num dos lugares intermédios da turma, outro otário com um currículo de seis linhas carregado de erros de ortografia, a andar para trás e para a frente entre o centro de emprego, o parque de estacionamento do clube de *strip* e a formação para o concurso à função pública. Ia casar de todas as maneiras com a Marpessa Delissa Dawson, a gaja da casa ao lado e o meu único amor. Teria filhos. Ameaçá-los-ia com a escola militar e com promessas de não lhes pagar a fiança se algum dia fossem presos. Seria o tipo de bacano que joga *snooker* no bar de *strip* e que trai a mulher com a rapariga loura do Trader Joe's na esquina da National com a Westwood Boulevard. Pararia de arrelhar o meu pai a dizer que tenho saudades da minha mãe, admitindo, finalmente, perante mim mesmo que a maternidade,

tal como a trilogia artística, é sobrevalorizada. Ao fim de uma vida a condenar-me por nunca ter sido amamentado nem ter acabado de ler *O Senhor dos Anéis*, *o Paraíso* e *o À Boleia Pela Galáxia*, acabaria por, provavelmente e tal como todos os californianos de classe média, morrer no mesmo quarto em que tinha crescido, a olhar para as fendas do estuque do teto que estavam lá desde o terramoto de 1968. Portanto, perguntas introspetivas como «Quem sou? E como é que posso ser essa pessoa?» não se aplicavam a mim nessa altura, porque eu já sabia a resposta. Como toda a cidade de Dickens, eu era filho do meu pai, produto do meu ambiente e nada mais. Dickens era eu. E eu era o meu pai. O problema é que ambos desapareceram da minha vida, primeiro o meu pai e, depois, a minha cidade natal, e, subitamente, eu não fazia ideia de quem era e não fazia ideia de como me podia tornar eu mesmo.

Vencedor do National Book Critics Circle Award para Ficção
Vencedor do prémio John Dos Passos Prize for Literature

«COMO TODA A CIDADE DE DICKENS, EU ERA FILHO DO
MEU PAI, PRODUTO DO MEU AMBIENTE E NADA MAIS.
DICKENS ERA EU. E EU ERA O MEU PAI.»

Me, afro-americano, produto acabado do século XX, criado no «gueto agrário» de Dickens, nos arredores de Los Angeles, educado pelo pai, um reputado e violentamente excêntrico sociólogo obcecado pela questão racial, conformou-se em seguir o destino estéril que a vida californiana de baixa classe-média tinha para si: morrer no mesmo quarto onde nasceu «a olhar para as fendas do estuque do teto que estavam lá desde o terramoto de 1968».

No entanto, nada corre como planeado: está falido, o seu pai foi morto num tiroteio com a polícia e Dickens acabou apagada dos mapas americanos (para poupar a Califórnia de mais vergonhas).

Alimentado por uma sensação de engano e pela degradação da sua cidade perante uma América enormíssima, Me decide resolver as coisas da única maneira que vê possível: restaurando a escravatura e segregando a escola preparatória local.

Vencedor do Man Booker Prize de 2016, *O Vendido* é uma sátira mordaz que desafia os pilares sagrados da vida urbana, da Constituição norte-americana, do movimento dos direitos civis, da relação pai-filho, feita à medida para o despontar do século XXI.

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8884-06-2



9 789898 864062

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT